



Vita Palugan

PRA NÃO DIZER QUE SÓ FALEI DAS FLORES

prosas poéticas e alguns poemas

EDITORA RECANTO DAS LETRAS



Vita Palugan

PRA NÃO DIZER QUE SÓ FALEI DAS FLORES

prosas poéticas e alguns poemas

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

© Vita Palugan

Editora Executiva: **Cássia Oliveira**

Projeto gráfico: **Estúdio Caverna**

Impressão: **Forma Certa**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Andreia de Almeida CRB-8/7889

Palugan, Vita

Pra não dizer que só falei das flores : prosas poéticas e alguns poemas /
Vita Palugan. – Sorocaba : Recanto das Letras, 2018.

88 p.

ISBN: 978-85-69943-72-3

1. Poesia brasileira 2. Crônicas brasileiras I. Título
II. Palugan, Vitalina

18-0260

CDD B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia brasileira

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

www.recantodasletras.com.br/editora

editora@recantodasletras.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da autora.

AGRADECIMENTOS

Tudo começou com a criação da página “Dolce Vita” no Facebook, com recortes de imagens, mensagens, que com o tempo, foi se transformando em algo mais poético, com textos de vários autores e timidamente, alguns de minha autoria.

É impossível agradecer a todos que curtiram, comentaram, incentivaram e acreditaram em mim, então, vou me restringir àqueles que me incentivaram a escrever meus próprios textos e a transformá-los neste livro:

A minha incentivadora inicial, Patrícia Lopes.

Ao meu marido, Carlos Henrique Gomes, por acreditar em mim e me apoiar sempre.

Ao meu amigo, Geraldo Peres Generoso, que me ensinou a ser menos exigente comigo mesma e acreditar na minha ‘missão’ de escrever, como um dom de Deus.

Ao diretor do Jornal Gazeta Sorocabana, Roberto Egreja, pelo espaço que cedeu para minha coluna, grande estímulo para a concretização desse sonho.

A minha irmã Rosilene Aparecida Palugan Vargas e a minha amiga Maria Zélia Gonçalves Pinheiro, que plantaram em mim a ideia de “escrever um livro”.

E, principalmente, ao meu filho, Carlos Henrique Palugan Gomes, meu ‘opinador’, meu revisor, meu editor, meu digitador, enfim, meu salvador.

Dedico este livro a minha avó Elisa, minha inspiração para vários textos e por me fazer sentir que estamos e estaremos sempre juntas, independentemente do tempo, espaço ou distância, porque não há barreiras intransponíveis para o amor.

APRESENTAÇÃO | DOIS MINUTÕES

Neste livro, Vita Palugan avisa, desde o título, que não irá se limitar a falar só de flores. E acerta na escolha desta expressão com que batiza seu livro, pois na verdade ela nos leva mais do que a um canto escolhido só de flores, com rosas e cravos.

Ela nos toma pela mão e nos conduz a um jardim completo, esse que já foi chamado de Éden em seu início paradisíaco. Apon-ta-nos um espaço, florido sim, com escrita clara, bem irrigada de ideias interessantes, mesmo quando parte dos incidentes e aci-dentes comuns da vida.

Expõe-se e confessa seus medos e esperanças, sem perder de vista esses mesmos ingredientes que habitam a todos que a lerem. Aqui e ali ela entremeia uma poesia, sem o uso rigoroso das regras antigas, mas sem se esquecer, em algumas delas, de colo-car despreziosas rimas, que é o verdadeiro sangue do poema.

A autora imerge na própria alma e emerge com ideias que nos servem a todos. Com pensamentos simples e sábios, que nos abrem os olhos para esta vida e para o que a compõe no itinerário de cada um de nós.

Ela oferece numa bandeja de frutos de pensamentos esco-lhidos, por suas próprias vivências, para brindar ao público que a ler cada um com sua história, mas não tão diferente, porque, até certo ponto – uns mais, outros menos – se obrigam a se deparar com a mesma realidade, de um mundo belo e complexo ao mes-mo tempo.

Eis que, leitora contumaz, Vita Palugan abre o coração, ou antes busca lá no fundo de si mesma, as ideias que elaborou de si própria, esmerilhadas nas leituras de autores os mais diversos.

Fique com ela e desfrute destes momentos que perdurarão depois nas suas reflexões mais profundas. Um livro que, como to-das as coisas verdadeiras, é simples. Ocupa-se das coisas simples e das não tão simples assim. E, sobretudo, mexe com cada um

de nós com seus questionamentos e suas confissões. Como nesta passagem que coleí: “não se morre afogado nas próprias tempestades, porque temos o poder de controlar nossas águas, pelo menos na maioria das vezes.”

Parabéns, Vita Palugan, pelo poder de nos trazer de forma clara, o mundo que você montou como um quebra-cabeça e no qual nos encontramos, senão resolvidos, pelo menos melhor explicados, entre os dramas, as rotinas e os tédios que tecem a vida de cada um de nós.

Perdão aos leitores. Dois minutões solicitados podem ter se ultrapassado do combinado. Penitencio-me pelo prejuízo em adiar o início de sua leitura, caso se deem ao trabalho de ler estas minhas considerações sobre este belíssimo trabalho.

É hora de abrir os olhos, ler e reler o que a Vita nos diz ao pé do ouvido, em tom suave ou enérgico.

Geraldo Peres Generoso

SUMÁRIO

ENSIMESMAR-SE	8
OS SERES QUE ME HABITAM	10
Como dizia minha avó...	
“QUEM VÊ CARA NÃO VÊ CORAÇÃO.”	12
“NUNCA DESISTA DOS SEUS SONHOS”	14
EMPODERE-SE	16
MINHAS ÁGUAS.....	18
XEQUE-MATE	20
INCERTEZAS.....	22
PONTO FORA DE CURVA	24
Como dizia minha avó...	
“O AMOR É UMA FLOR ROXA QUE NASCE NO CORAÇÃO DOS TROUPAS”	26
O TEMPO	28
ENTRELINHAS	30
ESTOU APRENDENDO... ..	32
DESARMADA.....	34
PRA NÃO DIZER QUE EU SÓ FALEI DAS FLORES	36
ASSOMBROS DA MINHA SOMBRA	38
MÁSCARAS.....	41
É COMO A HISTÓRIA DA BACIA DAS JABUTICABAS.....	42
INTENSAMENTE	44
EU JÁ COMPREI LIVROS PELA CAPA E QUEM NUNCA O FEZ QUE PROFIRA O PRIMEIRO PRÓLOGO.....	46

Como dizia minha avó...

“O LOBO PERDE O PELO, MAS NÃO PERDE O VÍCIO”	48
PENSAMENTOS FLUTUANTES	50
PARA HOJE.....	52
EU, QUEBRA CABEÇA.....	54
PRECE DE MIM MESMA.....	56
SAUDADE.....	58
BAGAGEM	60
O PULSAR DA VIDA	63
DESENHANDO COM PALAVRAS	64

Como dizia minha avó...

“O MAL TEM FORÇA, MAS SOMENTE O BEM TEM PODER!”	66
DESAPEGO	68
MINHA CRIANÇA INTERIOR.....	70
QUAL O VALOR DA FÉ SEM O PERDÃO?.....	72
ATRAVÉS DA RETINA.....	74

Como dizia minha avó...

“CORAÇÃO ALHEIO É TERRA QUE NINGUÉM PISA.”	76
ANJOS SEM ASAS	78
COMO UM BALÃO	79
NA TEORIA É FÁCIL!	80
SEMEADORA.....	82
NA CONTRAMÃO.....	84
GERUNDIANDO.....	86



Quando a tristeza chega e se instala no coração, a recomendação é ocupar-se com outras coisas, deixar o que nos aflige de lado...

A receita funciona até certo ponto, porque o sentimento fica num cantinho, mas ele parece erva daninha, cresce muito rápido, retorna, vai tomando conta de todo nosso ser...

Hoje existe a cultura da felicidade, mas em casos de perda, de doença, desavenças e todo tipo de problema, grande ou pequeno, porque na verdade não há como mensurar, tudo depende de quem sente, da importância que se dá, não há como fugir da dor.

PRA NÃO DIZER QUE SÓ FALEI DAS FLORES

Não tenho receita pronta, não escrevo sobre autoajuda, mas, acredito que nesses momentos, devemos sentir nossa dor, deixar sangrar, transbordar, chorando por dentro ou por fora e o mais importante, ensimesmarmo-nos.

É hora de entrar no casulo, num processo introspectivo e juntar os cacos do espelho quebrado numa espécie de quebra-cabeça e extirpar o pior da tristeza, que é a vitimização, a crença de que a vida é injusta, de que não merecíamos passar por essa ou aquela situação, que somos incompreendidos e que a culpa é sempre externa.

Quando retiro a culpa do outro, da circunstância, as peças vão se encaixando, mas há que se ter muito cuidado para não tomar a culpa para si, isso estilhaça ainda mais os cacos e tem o poder de ferir mais ainda.

Sem culpas nem desculpas, é preciso cuidar da ferida e esperar cicatrizar, seja a curto, médio ou longo prazo, dependendo da sua profundidade (sua e/ou da ferida).

Os cacos, depois de juntados e colados não serão como antes, talvez as imagens não sejam mais tão nítidas, mas o importante é poder ver, mesmo que agora seja por um prisma diferente, que a sensação seja de estar olhando a vida através de um caleidoscópio assimétrico.

Haverá cicatrizes que doerão em dias chuvosos, mas é preciso prosseguir, porque cada vez que o caleidoscópio for movimentado, o reflexo dos vidros nos espelhos criará uma mistura infinita de imagens com formatos e cores diferentes.



OS SERES QUE ME HABITAM

Engulo agora este resto de hoje num gole só e eis que surge a noite lá fora, aqui dentro de mim e do meu quarto, então, retiro meus monstros do armário, liberto meus fantasmas, abro minha porta para que os seres feéricos também possam entrar e vamos todos para uma outra dimensão, na verdade, um mundo paralelo em que eu posso ser o que quiser, posso viajar no tempo, numa sequência nem lógica nem cronológica, posso convidar quem eu quiser, mas, nem todos posso mandar embora, porque os meus fantasmas e monstros têm vida própria, vão e vêm quando querem. Às vezes, ficam um bom tempo viajando, nos recônditos do meu interior.

PRA NÃO DIZER QUE SÓ FALEI DAS FLORES

Hoje, mais cedo, eles me pediram para sair, pedi que aguardassem a chegada da noite, que traz junto de si a magia das coisas ocultas, dos mistérios, das aspirações, dos segredos. É ela que rasga o véu que separa a lucidez da loucura, a realidade da ficção, os diversos mundos... (Deve ser por isso que muita gente tem medo do escuro, porque é através dele que podemos realmente nos enxergar). Então, quando eles querem falar comigo, prefiro que seja neste momento mágico.

Não falo aqui de misticismo, na verdade, meus monstros são meus medos, inseguranças, traumas; meus fantasmas são os seres do presente e do passado que vivem em mim, nas minhas lembranças, nos meus pesadelos, nos meus sonhos, nos meus planos, no meu suposto futuro; os seres feéricos integram minhas fantasias, minha ingenuidade, o lado fantástico e pueril que mantenho pulsante.

Houve um tempo em que eu tinha um certo pavor de alguns desses seres e dos sentimentos e sensações que despertavam em meu cerne, tentei exorcizá-los, tentei ignorá-los, e, confesso meu crime de tentativa de homicídio: tentei matá-los também.

É desnecessário explicar que não obtive êxito, eles são partes de mim que não podem ser arrancadas sem que eu seja ferida gravemente ou até de forma letal.

Um dia, criei coragem e decidi encará-los, dialoguei com cada um numa conversação que durou anos, talvez décadas, e, somente quando parei para ouvir, entender, refletir e aceitar, perdi o medo da escuridão, porque sei que posso acender minha luz nos momentos difíceis.

Nosso ritual se estendeu madrugada adentro e agora está amanhecendo, todos adormeceram, somente eu estou desperta, então, coloco a água no fogo, porque quero beber este novo dia em pequenos goles...



Quanta sabedoria há nesse ditado! Precisamos ir muito além das aparências e mesmo assim, talvez não seja possível sentir o outro por inteiro...

Quantas vezes você sorriu por fora chorando por dentro?

Quantas vezes você chorou escondido?

Você já foi julgado pela outra versão dos fatos sem poder se explicar?

Se você voltasse ao passado, modificaria algumas coisas?

Você já se arrependeu de coisas que não fez?

Qual é o tamanho do seu medo?

E o da sua coragem?

PRA NÃO DIZER QUE SÓ FALEI DAS FLORES

Qual a loucura que você cometeria?

Você sacrificaria sua felicidade pela de outra pessoa?

Quantos planos e sonhos você deixou pelo caminho?

Quantas pessoas queridas partiram de alguma forma deixando um vazio insubstituível?

Quantos amigos você ainda tem?

Você realizou algum sonho de infância?

São perguntas sobre nós mesmos em que precisamos parar, pensar, relembrar, contextualizar, pensar mais um pouco, e somente então responder. Algumas nunca saberemos responder com certeza...

Há uma pessoa que está ao seu lado, outra que está longe, a que você gosta, aquela por quem você não tem simpatia, uma que você defende, outra que você julga...

Você sabe o que vai no coração de cada uma delas?



“NUNCA DESISTA DOS SEUS SONHOS”

Essa é uma frase que eu gosto muito, faz parte dos meus mantras, mas hoje acordei com alguns sonhos amassados no travesseiro, confesso que tentei desamarrotá-los, mas sem êxito, estavam tão encolhidos, que pareciam ter se fechado por vontade própria, como se não quisessem mais ser sonhados. Foi então que eu perdi a pressa habitual de meus afazeres diários, porque, às vezes, é preciso pausar o nosso tempo para refletir...

Será que não estou me fadando ao mofo do tempo, ao pó das velhas lembranças, às traças do passado?

Será que não estou sofrendo de uma alergia crônica na alma por não desistir de algumas coisas que não fazem mais sentido?

Resolvi enfrentar minhas dúvidas, minhas dores, inseguranças e medos, peguei meu baú de lembranças, porque no seu interior é que moram os sonhos (de infância, da juventude, da maturidade ou da falta dela), sentei no chão, iluminei minhas sombras e comecei a abri-lo cuidadosamente.


Alguns sonhos saíram voando sozinhos, pois já não faziam mais parte de mim, mas são sonhos tão lindos, que ainda precisam ser sonhados em outros lugares, por outras pessoas... Não tentei agarrá-los, abri as portas da resistência e deixei que partissem...

Voltei-me para o baú novamente e vi que muitos estavam encobertos por camadas de poeira tão espessas que, a princípio, nem os reconheci. Foi preciso remover camada por camada até identificá-los e assim perceber que não se moviam, que estavam mortos há muito tempo, por motivos diversos, muitas vezes alheios a minha vontade, então, olhei fixamente para cada um deles, chorei um choro contido, e, num ritual particularmente meu, libertei suas almas com carinho, afinal, um dia, foram muito importantes para mim...

Os que restaram no baú estavam latentes, pulsantes, vivos, e não queriam partir, mas também não queriam mais ficar ali, pois necessitavam de ar puro, renovação, luz, inovação, vida...

Retirei um por um e os incluí, por ordem de prioridade, na minha lista de sonhos recentemente adquiridos.

Sei que não será fácil realizá-los, sei que muitos precisarão ser reinventados, alguns deverão ser adaptados ao presente, outros ao futuro, mas viver é exatamente isso: ter o atrevimento de libertar os sonhos, sacudir a poeira e reinventar-se a cada dia.



Escrever é o ato de desnudar a alma.
A princípio, senti uma certa resistência,
porém, a cada texto escrito, uma peça das
vestimentas interiores era retirada e jogada ao
vento das tempestades que foi ficando no caminho.

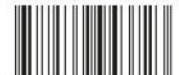
Então, eu me despi de todo pudor, caminhei
nua pelas areias da poesia, sentindo o vento se
transformando numa brisa suave e resolvi mergulhar
no mar das minhas próprias emoções.

Convido você a entrar em minhas águas sem
prender a respiração, e, caso sinta medo de se afogar
na intensidade, segure em minhas mãos, estarei com
você desde o submergir até o momento de
voltar à tona.

Vita Palugan

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

ISBN: 978856994372-3



9 788569 943723